

A guerra do deserto: uma história em quadrinhos como relato do genocídio de povos originários

Marcio Malta (UFF)

**Professor associado do curso de Relações Internacionais (INEST/UFF), do
PPPGEST/UFF e Pesquisador do INCT-InEAC.**

Palavras-chave: Argentina, povos originários, histórias em quadrinhos.

Resumo:

Este trabalho propõe uma análise do álbum de quadrinhos *A Guerra do Deserto*, criado pelo ilustrador Enrique Breccia. A pesquisa busca compreender de que forma a obra aborda a chamada "Conquista do Deserto", período em que o Estado argentino promoveu a aniquilação de populações indígenas para expandir seu domínio sobre os territórios ao sul do país. Através do estudo da trajetória do autor e da narrativa presente nos quadrinhos, pretende-se evidenciar como esse processo histórico foi reinterpretado no contexto da Guerra Fria na América Latina e nas tensões que antecederam o golpe que instauraria uma nova ditadura militar na Argentina. A análise parte da hipótese de que a obra tem como intenção questionar a versão oficial da história, denunciando o papel das Forças Armadas em uma campanha representada por elas como heroica. Breccia subverte essa perspectiva ao destacar as vivências de pessoas comuns envolvidas no conflito — indígenas, gaúchos mestiços e outros sujeitos marginalizados.

The Desert War: A Comic Book as an Account of the Genocide of Indigenous Peoples

Keywords: Argentina, native peoples, comics.

Abstract:

This paper proposes an analysis of the comic book album *The Desert War*, created by illustrator Enrique Breccia. The research seeks to understand how the work addresses the so-called "Conquest of the Desert", a period in which the Argentine State promoted the annihilation of indigenous populations in order to expand its control over the territories in the south of the country. Through the study of the author's trajectory and the narrative present in the comics, the aim is to highlight how this historical process was reinterpreted in the context of the Cold War in Latin America and in the tensions that preceded the coup that would establish a new military dictatorship in Argentina. The analysis is based on the hypothesis that the work intends to question the official version of history, denouncing the role of the Armed Forces in a campaign represented by them as heroic. Breccia subverts this perspective by highlighting the experiences of ordinary people involved in the conflict — indigenous people, mestizo gauchos and other marginalized subjects.

Introdução:

“A Guerra do Deserto”, de Enrique Breccia, é uma coletânea de histórias em quadrinhos publicadas no auge da Guerra Fria latino-americana, em uma Argentina prestes a sofrer o golpe que instauraria sua última e brutal ditadura militar. Nesse cenário tenso, o Exército argentino já organizava comemorações do centenário de uma campanha militar considerada fundamental: a tomada violenta dos pampas e da Patagônia, até então ocupados por povos indígenas. A operação, oficialmente chamada de “Conquista do Deserto”, é retratada nos quadrinhos de Breccia não como uma conquista, mas como uma guerra marcada por extrema violência.

As três histórias narradas por Breccia giram em torno de personagens comuns, esmagados por um cotidiano de arbitrariedades e mergulhados em um conflito brutal. Eles vivenciam o ódio e a violência da guerra, sendo apresentados como peças descartáveis de um tabuleiro controlado por figuras distantes e protegidas — generais, latifundiários e a elite portenha. Ao longo das páginas, o autor desconstrói a versão heroica propagada pelo Estado, revelando a brutalidade e a humanidade do conflito.

Breccia amplia sua crítica ao traçar paralelos com outros contextos históricos, como as forças revolucionárias de Sandino no México e a repressão francesa na Argélia. Em todos os casos, a violência das forças opressoras é destacada, mas também surge a possibilidade de romper com esse ciclo destrutivo e de construir uma nova ética política.

Na época em que foi publicada, a obra teve papel relevante ao desafiar a ideia dominante de que o sul da Argentina era um território vazio, pronto para ser civilizado pelo Estado. Nos quadrinhos, os soldados brancos são retratados como ignorantes, cruéis e mesquinhos, enquanto os indígenas são apresentados com profundidade: têm famílias, sonhos, sentimentos e também reagem à violência — não como agressores iniciais, mas como vítimas de um ataque que exige resistência.

Para o público argentino, acompanhar essas histórias era um convite à revisão crítica de narrativas históricas simplistas. Ao colocar indígenas, mestiços e gauchos no centro do enredo, Breccia desloca o foco da história oficial e dá visibilidade às populações subalternizadas que sofreram com a guerra.

Seu trabalho destaca ainda o espaço de resistência dos povos originários, conferindo-lhes protagonismo. A tensão entre indígenas (figura 1) e criollos — descendentes de espanhóis nascidos na América — revela a face cruel de um processo de colonização marcado pela limpeza étnica e pela destruição de saberes ancestrais. Ao relacionar essa violência histórica com as lutas no México e na Argélia, Breccia mostra como os discursos “civilizatórios” da Argentina não diferem das atrocidades coloniais cometidas em outros cantos do mundo.



Figura 1 (BRECCIA, 2021, p.19)

Metodologia:

A metodologia adotada nesta pesquisa baseia-se na análise detalhada do álbum como fonte primária, complementada por uma abordagem crítica e reflexiva da bibliografia especializada sobre o tema. Parte-se da premissa de que o processo histórico da chamada “Conquista do Deserto” atuou como um elemento legitimador da hegemonia de um grupo dominante na Argentina, funcionando como ponte para sua consolidação.

A análise dos resultados é realizada a partir da leitura crítica do álbum, considerado como material empírico principal, em diálogo com reflexões teóricas. Além disso, o estudo se apoia em obras acadêmicas produzidas por especialistas, que enriquecem a compreensão do objeto de estudo. Em síntese, a metodologia consiste na articulação entre fontes primárias e referenciais teóricos, visando interpretar os fenômenos sociais representados.

O pesquisador Moacyr Cirne, referência no estudo das histórias em quadrinhos, sustenta que toda produção nesse formato é, em essência, política. Em seu livro *Uma introdução política aos quadrinhos*, afirma que “o político manifesta-se em todos os níveis, seja de modo direto, seja de modo indireto” (Cirne, 1982, p. 20), e defende a necessidade de uma arte engajada, de resistência, fundamentada em uma consciência crítica (Cirne, 1982, p. 25). Ao mobilizar esse conjunto de autores e perspectivas, a pesquisa propõe o resgate de um olhar crítico sobre a temática abordada.

O álbum analisado é composto por cinco histórias, das quais três se concentram nos pampas. As duas narrativas finais se voltam para conflitos internacionais: uma retrata a Revolução Mexicana com foco no zapatismo, e a outra aborda o movimento de libertação nacional na Argélia. Todas compartilham uma perspectiva anticolonial, típica do pensamento latino-americano dos anos 1970, marcado pelo contexto da Guerra Fria e das ditaduras militares. Trata-se, portanto, de uma história contada “de baixo”.

Nesse sentido, Jim Sharpe destaca a importância de uma abordagem imaginativa das fontes históricas, capaz de revelar dimensões até então ignoradas do passado. Segundo o autor, esse tipo de investigação abre espaço para novas formas de interpretação, deslocando o foco das figuras tradicionais – como grandes comandantes –

para sujeitos historicamente marginalizados, como soldados rasos, indígenas e gaúchos mestiços (Sharpe, 1992, p. 62).

Perspectiva histórica:

Mesmo parte da historiografia reproduz de forma acrítica o mito de origem da Argentina apenas pela perspectiva dos vencedores. Por exemplo, no livro “Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada (1850-2002)”, redigido em parceria pelos historiadores Boris Fausto e Fernando Devoto, o general e presidente por dois mandatos Alejo Julio Argentino Roca Paz, como um “herói da campanha do deserto” (Fausto e Devoto, 2004, p.140), reproduzindo a ideia de salvador da pátria à figura histórica responsável por empreender a dizimação de milhares de indígenas.

A ausência de reconhecimento da contribuição indígena na Argentina por parte da historiografia é destacada por Heloisa Reichel: “No caso da Argentina, a invisibilidade dos nativos no período pós-independência é ainda mais enfática em todas as correntes historiográficas” (Reichel, 2005, p.296).

A construção da imagem do indígena na cultura argentina retirava o componente humano de tais povos. O sentido antropológico de estranhamento do outro se eleva ao grau máximo, lhe retirando sua característica primordial e constitutiva de ser humano. Tal como asseverou Georges Didi-Huberman no livro “Imagens apesar de tudo” ao abordar o holocausto em específico: “negar o humano na vítima era votar o humano ao dissemelhante” (Didi-Huberman, 2023, p.66).

A imagem do indígena que se criou foi a da hostilidade, como seres imprestáveis para o curso civilizatório que estava em curso. Após a vitória na guerra do Paraguai, militares se converteram em classe dirigente e levaram a cabo o projeto de ocupar as regiões inexploradas através da matança dos indígenas. No lugar da mestiçagem, do convívio harmonioso, imperou a força bruta de uma política pautada no extermínio.

A “Campanha do Deserto” é o ápice de um processo de mais de três décadas durante o século XIX. Os indígenas que historicamente se deslocaram do Chile para a Argentina nem sempre foram vistos apenas como um obstáculo a ser vencido. Estavam integrados à cultura local e estabeleciam alianças e parcerias.

A segunda metade do século XIX foi palco na Argentina de um projeto de subalternização por parte das elites dirigentes do país em face ao capital internacional europeu. Tal submissão foi responsável por converter os camponeses dos pampas em mão de obra barata para tal projeto e a supressão dos indígenas que ali viviam. Essa

entrada em um estágio de capitalismo dependente se deu de forma tardia e mal ajambrada. Tal sucessão de fatos serviu para forjar a identidade nacional argentina como um povo branco, onde o rol de questões aqui elencados costuma ser visto como um tabu, ou mesmo pior, uma nítida indiferença pelas marcas do que significou o apagamento dos povos extintos.

O historiador Koselleck também auxilia a refletir como a noção de progresso e desenvolvimento foram colocadas a serviço de subordinar a existência do outro:

O progresso reunia, pois, experiências e expectativas afetadas por um coeficiente de variação temporal. Um grupo, um país, uma classe social tinham consciência de estar à frente dos outros, ou então procuravam alcançar os outros ou ultrapassá-los. Aqueles dotados de uma superioridade técnica olhavam de cima para baixo o grau de desenvolvimento dos outros povos, e quem possuísse um nível superior de civilização julgava-se no direito de dirigir esses povos (Koselleck,2006,p.317).

Sendo que no objeto em debate no trabalho existe um agravante. O que estaria em questão não seria a função de liderar, mas de exterminar o diferente.

Uma fonte teórica fundamental para o esforço de se compreender a marcha para o sul empreendida na Argentina é a contribuição do historiador Gabriel Passetti, que em sua dissertação de mestrado, depois transformada em livro, se debruçou detidamente sobre o fenômeno.

Sem um interesse econômico imediato pela região, diferentemente do que ocorreu com as zonas de mineração, e sem poder obter vastas quantidades de mão de obra, a área pampeana foi relegada a se tornar o eixo final da colonização espanhola”. (Passetti, 2012,p.49).

Passetti demonstra ainda como se reproduziu no imaginário argentino uma noção dos indígenas como bárbaros:

As sangrentas guerras envolvendo os araucanos e os espanhóis forçaram levas migratórias para a região de Mendoza, na face leste dos Andes, e para os pampas, propiciando que, no imaginário social espanhol, os araucanos fossem definidos como guerreiros bárbaros, sanguinários e temíveis pelo uso de cavalos. (Passetti,2012,p.45).

O imaginário social portenho, hostil aos indígenas desde a década de 1830 e alimentado pelos sucessivos malones da década de 1850, foi potencializado ao incorporar as teorias evolucionistas sociais europeias (Passeti,2012,p.208). No lugar da dicotomia entre “civilização e barbárie”, Passeti defende que passou a imperar o lema “civilização ou barbárie”. A chancela para a política de extermínio estava assim concedida. Após a queda de Rosas, em 1852, os novos governantes do país passaram a mirar o potencial de expandir seus horizontes para o sul do país.

A Argentina, no começo da década de 1850, passava por um momento de expansão da pecuária e transformação dos grupos governantes. Tanto a pressão econômica sobre os pastos dos pampas quanto a demográfica proveniente das províncias empobrecidas, os projetos modernizadores e civilizadores, a dura repressão aos opositores do regime e a instável e mutável aliança com os caciques do sul colocaram o país em um estado de tensão. (Passeti,2012,p.76).

A opção pelo modelo agroexportador, com um campo subordinado à cidade, mais uma vez se fez presente na América Latina, repetindo outros ciclos de outros produtos, mas com a mesma tônica. Os indígenas tentaram construir alianças com caudilhos contrários a tais maquinações, mas seus esforços foram em vão, diante da vitória da hegemonia liberal de Buenos Aires sobre os políticos locais provincianos.

A chamada araucanização foi um processo de longa duração, iniciado no século XVI, atingindo o final do XVIII e começo do XIX. Permitiu o crescimento demográfico nos pampas e levou a uma miscigenação cultural entre os Pampa, que anteriormente ocupavam aquelas terras, e os migrantes, araucanos. (PASSETTI, p.48, 2012).

“Foi uma reforma agrária ao contrário” (Campos,2021,p.4), assim Rogério de Campos designou o processo histórico da “Conquista do Deserto”. A ideia de paradoxo também reside na união entre a Sociedade Rural com setores empresariais ingleses, soando como uma união entre campo e cidade invertida, afinal, Karl Marx já recomendava que para trilhar o sendeiro da revolução, seria necessária uma aliança entre o campesinato e o proletariado.

Algumas considerações sobre o álbum:

Apesar de separadas por cerca de cem anos — entre a “Conquista do Deserto”, no final do século XIX, e a produção da HQ nos anos 1970 — as situações retratadas dialogam entre si. A obra sugere que há mais continuidades do que rupturas entre os dois períodos, especialmente no que diz respeito à repressão e à imposição de projetos políticos autoritários.

A narrativa de Breccia é marcada pela dureza e pelo realismo. Não há espaço para romantizações: o que se vê é o retrato cru de um país que buscou justificar a exploração econômica de regiões conquistadas por meio da destruição de suas raízes culturais e humanas. Ao mesmo tempo, trata-se de um comentário sobre seu próprio tempo — uma Argentina ainda dividida entre projetos políticos opostos, envolta em repressões e lutas ideológicas.

O realismo permeia todo o álbum, que busca constantemente superar a visão simplista entre o bem e o mal. Em vez disso, Breccia propõe uma reflexão sobre os esforços dos indivíduos que lutam por liberdade, resistindo às estruturas de opressão. Esse olhar crítico e engajado é típico dos anos 1970, época em que a juventude latino-americana vivia um intenso processo de conscientização política — e Breccia foi um importante expoente dessa geração.

As narrativas de Enrique Breccia ilustram bem essa perspectiva, conferindo centralidade a personagens anônimos e aparentemente secundários, ausentes da narrativa oficial e ufanista promovida pela ditadura argentina vigente à época da produção das histórias.

Bibliografia:

Bengoa, J. (1996). *Historia del Pueblo Mapuche*. Santiago: Sur.

Breccia, E. (2021) *A guerra do deserto*. São Paulo, Editora Veneta.

Oosterheld, H, Breccia, A. e Breccia, E. (2021) *Che*. São Paulo, Editora Comix Zone.

Cirne, M. (1982) *Uma Introdução Política aos Quadrinhos* . Rio de Janeiro: Angra/Achiamé.

Deleuze, G. (2021) *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Breccia, E. Yo me tengo que divertir, ya que pagan poco, que al menos me divierta. Entrevistado por Ángel Recuero. Jotdown. Disponível em: <https://www.jotdown.es/2023/02/enrique-breccia-entrevista/>. Acesso em: 13/03/2024.

Terra.

Didi-Huberman, G. (2023) *Imagens apesar de tudo*. São Paulo, Editora 34.

Fausto, B e Devoto, F . (2004). *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada (1850- 2002)* . São Paulo: Editora 34 .

Koselleck, R. (2006) *Futuro passado : contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro, Contraponto e Editora PUC-Rio.

Montero, H. (2013) *Oesterheld, la biografía: viñetas y revolución*. Lomas de Zamora: Sudestada.

Passetti, G. (2009). *Confederações indígenas em luta por participação política, comercial e territorial: Argentina, 1852-1859*. In: *História*, São Paulo, v. 28, n, 2.

Passetti, G. (2012) *Indígenas e criollos: política, guerra e traição nas lutas no sul da Argentina (1852-1885)*. São Paulo, Alameda.

Passetti, G. (2010). *O mundo interligado: poder, guerra e território nas lutas na Argentina e na Nova Zelândia (1826-1885)*. Doutorado (Tese em História Social). São Paulo, Universidade de São Paulo.

Pratt, M. L. (1999). *Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru, Edusc.

Rodríguez, F. (2010) *Un desierto para la nación: la escritura del vacío*. Buenos Aires: Eterna cadencia.

Sarasola, C. M. (1999). *Nuestros paisanos, los indios. Vida, historia y destino de las comunidades indígenas en la Argentina*. Buenos Aires: Emecé, 1999.

Sasturain, J.(2021) Lugar-comum, a morte. In: Breccia, E. *A guerra do deserto*. São Paulo, Editora Veneta.

Seixlack, A. G. de C. (2012). Estratégias militares de territorialização do Deserto austral argentino: os debates políticos entre Adolfo Alsina e Julio Argentino Roca (1874-1879). In: Revista Brasileira de Estudos Estratégicos, n. 4.

Sharpe, J. (1992) *A história vista de baixo*. In: A escrita da História: novas perspectivas. BURKE, P. (org.). São Paulo.

Thomé, L. (2016) *Os quadrinhos históricos em perspectiva*. In: W.VERGUEIRO; P.RAMOS e N. CHINEN. *Enquadrando o real* . São Paulo: Criativo.